

Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 22 de janeiro de 2020

Texto de referência: L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, Gerar rasto na história do mundo, Paulus, Lisboa 2019, pp. 37-50.

- *Ballata dell'amore vero*
- *Give me Jesus*

Glória

Quando alguém canta, como acabámos de ouvir, "podes ficar com o mundo inteiro, mas dá-me Jesus", é por acaso um obcecado? É uma coisa que construiu para si na sua cabeça? Que experiência deve ter tido o autor desta música para chegar a dar-se conta de que até poderia ter o mundo inteiro, mas isso não seria suficiente para viver se não tivesse Jesus! «De manhã, quando me levanto, dá-me Jesus». Como podemos chegar a esta autoconsciência, a esta maneira de acordar de manhã, surpreendendo-nos com este pensamento? É evidente: só se alguma coisa acontecer na nossa vida que torne tão familiar uma Presença que seja gerado um eu que, quando acorda de manhã, não pode deixar de pensar n'Ele. Mas, para que isto aconteça, não basta "falar" do cristianismo como um acontecimento, reduzindo-o a uma categoria abstrata - uma tentação na qual podemos cair muitas vezes. É necessário experimentar o cristianismo como um acontecimento. É o que acontece com quem se apaixona, porque tem uma experiência de tal ordem que a sua vida é tomada! Como vimos nas páginas de *Gerar rasto* que estivemos a trabalhar "Para se dar a conhecer, Deus [o Mistério] entrou na vida do homem como homem [...] de tal forma que o pensamento, a imaginação e a afetividade do homem foram como que «bloqueados», magnetizados por Ele." O texto continua: «Este encontro é o que polariza continuamente a nossa vida, dá significado e síntese à nossa existência. Fora dele não existe nenhuma fonte de consciência de novidade na vida." É "uma diferença que atrai" (pp. 32-34). Uma categoria abstrata não atrai como atrai a pessoa amada. A categoria "amor" não atrai como a pessoa amada!

Então, para perceber verdadeiramente o que estamos prestes a abordar hoje - como é que nasce a fé, como é que a fé faz parte do acontecimento cristão - deve suceder o acontecimento de Cristo, caso contrário, a fé é uma coisa acrescentada de fora, não vem das nossas entranhas como resposta àquele acontecimento. Giussani fala de "embate numa diferença irreduzível" e "diferença que atrai". A este respeito, leio o contributo de uma pessoa que mora longe e não podia estar aqui esta noite:

«Neste último ano - como acontece com todos os pais e mães -, o meu marido e eu experimentámos uma espécie de vertigem por causa dos nossos filhos, especialmente ao ver o mais velho enfrentara a vida na transição do liceu para a universidade, as amigas, etc. [um belo desafio!]. No outro dia, entrava mais tarde na escola, estava a falar com o meu filho e ele a certa altura diz-me: "Finalmente percebi que a questão não é se fazes isto ou fazes aquilo, mas sim como é que fazes o que fazes. Tu, por exemplo, és uma pessoa tão certa que és capaz de fazer coisas que normalmente causariam constrangimento" [para dizer isto ele deve ter visto com os seus próprios olhos, não foi a mãe que lhe contou]. Pensei em todas as coisas não encontradas [em todas as coisas em que falhava], como cozinhar mal ao domingo, quando quero fazer boa figura, no facto que faço mil coisas entre a escola e os Liceus (GS). Ele diz-me isto e eu fico espantada. "Certa" de quê? Que certeza exprime a maneira como vivo? Não é um discurso, é claro [não é uma categoria]. Quando conversamos e eu caio no "discurso", ele percebe imediatamente [graças a Deus tem um filho assim!]. Eu sou relação. Certa de uma relação que evidentemente me liberta do acordo ou constrangimento dos outros. Percebi que realmente a única responsabilidade que tenho não é "pre-ocupar-me" com ele, mas viver o que me liberta, viver a fé em tudo sem censuras [este é o bem da mãe para o filho: viver tudo sem censuras a partir da fé], porque, mesmo se não me dou conta, tem mais incidência a minha satisfação do que as minhas preocupações. E viver a fé na relação com a autoridade, seguindo alguém em que o "como" vive mostra aquilo que corresponde ao coração agora, neste mundo, com

as perguntas que as circunstâncias fazem escancarar [esta é a paternidade de que falámos na Jornada de início do ano]. A este respeito, gostava de te agradecer a carta que escreveste à Fraternidade no dia 2 de janeiro. Comparando com a mentalidade a que estou habituado na escola, em que a prudência parece ser mais ditada pelo medo do que pela responsabilidade educativa, o olhar que a tua carta coloca na circunstância específica em que vivemos recompõe o eu; de facto, a circunstância, aceite como condição não secundária da verificação da fé, educa a um olhar de verdade, que te relança numa relação livre e verdadeiramente humana e assim, tornamo-nos certos de que sem Cristo não podemos fazer nada, mas com Ele tudo é nosso".

Diz a Escola de Comunidade: « Aquilo que impressiona e que move são pessoas, rostos, com uma identidade que parece ser mais verdadeira, mais correspondente ao coração, não determinada por toda a trama de fatores que compõem o clima social [que investe todos, mas livre] tal como este é favorecido pelo poder e vivido por todos."(p. 34). Parece nada, mas é tudo. Porquê? Porque a nossa amiga mostra que, envolvida nas mesmas coisas que todos (ser mãe, ir trabalhar, as circunstâncias, os desafios), ela vive tudo de uma maneira diferente, de tal modo que até o filho percebe nela uma "diferença qualitativa". Isto seria suficiente para verificar quantas vezes experimentamos o cristianismo como um acontecimento: se vamos embora impressionados com a diferença qualitativa que apreendemos num facto, num encontro, numa pessoa. Quantas vezes falámos do acontecimento? Vezes de sobra! Mas quantos de nós ficámos surpreendidos por termos ido embora impressionados por um encontro feito? Aqui o nível das estatísticas cai, porque todos podemos falar sobre o acontecimento como uma categoria, mas ficar impressionados diante de algo que acontece é outra história. Atenção, no entanto, porque não ficamos impressionados porque acontece uma coisa retumbante: «A pessoa em quem embatemos torna-se «encontro» se a vimos empenhada de forma «diferente» - com uma diferença que atrai – nas coisas comuns, ou seja, se ao falar, ao comer, ao beber, ela nos torna perceptível e oferece à nossa existência uma diferença qualitativa, de tal forma que nos vamos embora sacudidos pelo facto de que o comer e o beber tenham um significado absoluto e que uma palavra dita na brincadeira tenha um valor eterno ». Giussani observa: " Imaginamos como deviam ficar profundamente impressionados aqueles que viram e ouviram Cristo falar!" (Ibid.). Isto não foi só possível diante da pessoa física de Jesus durante a sua existência terrena, depois de Jesus não "foi tudo por água abaixo". Ainda existem factos que impressionam da mesma maneira.

No passado dia 23 de dezembro, o mais novo dos nossos três filhos fez dezoito anos e organizou uma festa num restaurante da nossa zona, convidando cinquenta dos seus amigos da escola e dos Liceus (GS). A minha mulher e eu chegámos, já a festa ia adiantada, para cortar o bolo e para o brinde. A certa altura, os miúdos começaram a cantar músicas "incomuns" para a idade deles acompanhadas à guitarra por um amigo e, pouco depois, na praça onde está o restaurante, um pequeno grupo começou a cantar canções alpinas. Para mim, tudo normal.

O costume.

"O costume", sim, já os tinha ouvido muitas vezes. Estavam a jantar, numa mesa do restaurante, algumas outras pessoas que involuntariamente participavam na festa; a certa altura, uma delas, seguida por outras, veio ter comigo com um cara espantado, e disse-me com voz comovida: "Nunca vi nada assim!".

Veem a diferença?

«Como estão juntos estes miúdos! Mas como é que vocês, pais, conseguiram? Eu também gostaria que os meus filhos vivessem assim! ".

Tu fizeste algum treino especial para ser pai assim?

Não, muito pelo contrário.

Fizeste algum curso teórico sobre afetividade, psicologia parental ou qualquer coisa semelhante, como tanta gente faz hoje? De onde veio esta diferença?

Que impressão quando ouviaquele desconhecido dizer-me aquilo! Respondi que não tínhamos feito nada e, numa fração de segundo, experimenteino meu coração uma imensa emoção, percebi realmente como a presença de Outro tinha entrado,dominadora, e dado sentido àquela festa que antes era apenas " bela" e se tinha tornado encontro com Cristo, totalizante, ali, naquele preciso momento. Quem não sabia nada "tinha dado de novo a vista" a quem, como eu, pensava que já sabia "tudo". Que espanto! Eu disse à minha mulher: "Pensasó que sem o" sim"de donGiussani a Cristo, esta noite não teria acontecido e ninguém poderia ter experimentado aquele modo de vida que gera espanto e inveja». Obrigado também pelo teu "sim", que todos os dias nos ajuda a ver tudo com mais verdade.

É impressionante: têm de vir os "pagãos", como vemos no Evangelho, para nos fazer perceber o que já não vemos (porque nos habituámos, tudo se tornou "normal", já visto, o costume). Uma festa.Podemos ter feito mil, mas na maioria das vezes uma festa para nós não é uma oportunidade de procurar o rasto, de interctar a ocorrência do acontecimento. É preciso estar alguém presente na mesma festa que te diz: "Eu nunca vi nada assim!", repetindo, sem saber, dois mil anos depois de Jesus, a frase do Evangelho que diziam diante de Jesus. Se estamos atentos ao que está a acontecer, podemos realmente perceber o título do capítulo que estamos a trabalhar agora: "A fé é parte do acontecimento cristão" (p. 37). Porquê? Porqueao sermos magnetizados, polarizados, tocados, impressionados, podemos reconhecer, como aquela pessoa, uma diferença e podemos dizer, como tu, que aquela festa não poderia acontecer sem Cristo. A fé não nasce de uma elucubração mental. O que te fez fazer memória de Cristo não foi ter ido ao templo, dizer uma oração ou fazer abluções, mas uma festa. Como no tempo de Jesus, podia acontecer durante uma festa de casamento, podia acontecer no cimo de um sicómoro, podia acontecer ao longo do caminho, na via pública. É um acontecimento que acontece de modo imprevisstopor aquela excecionalidade que revela a presença do divino; e se aquele desconhecido que te disseaquelas coisas tivesse embatido em Jesus, poderia ter dito - mas não como se faz uma citação - que nunca teria se afastado d'Ele. Quantas vezes neste mês aconteceu não querermosdeixar alguém que encontrámos? É por isso que primeiro existe o facto, a experiência do facto, e somente mais tarde podemos perceber porque é que a fé é parte do acontecimento, porque, se não participamos do acontecimento cristão, não podemos reconhecê-lo. Chegados a este ponto, podemos compreender a definição: "A atitude dequemé tocado pelo acontecimento cristão, de quem o reconhece e lhe adere, chama-se "fé"" (p. 37).

Fomos estudar juntos alguns dias com alguns amigos e tive um diálogo com um deles que me impressionou muito. Ele disse-me que o irmão é ateu. Quando conheceu o movimento na universidade, este nosso amigo tentou levarao irmão a vida que tinha conhecido. O facto é que, durante as férias de Natal, ele voltou para casa e o irmão disse-lhe que queria ir à missa. Ao que o nosso amigo pergunta: «Como? Mas o que é que te aconteceu? "Ouvi falar um padre na universidade, tenho vontade de ir à missa"; e depois perguntou-lhe: "Mas o que é o movimento de Comunhão e Libertação?". Fiquei impressionado, porque este meu amigo disse que respondeu ao irmão partindo dos princípios sistemáticos (o carisma de donGiussani, a Escola de Comunidade e todo o resto).Mas nenhum deles estava a perceber nada.

Vês como voltamos às categorias abstratas? Deus faz acontecer qualquer coisa, e nós fazemos abstrações, explicamos a categoria!

De facto, a certa altura, o irmão disse-lhe: "Olha, eu não estou a perceber nada do que tu estás a dizer ..."

Ainda bem que lhe disse!

"Mas eu vi como tu e os teus amigos estavam juntos quando vocêsvieram cá a casa tomar o pequeno-almoço, este verão".

A explicação da categoria "acontecimento" não é necessária, o irmão viu algo diferente na maneira de estarem juntos no pequeno-almoço.

Ora bem, se eu pensar naquele pequeno-almoço, nós tínhamos passado a noite toda em viagem, porque íamos de férias, e por isso chegámos estafados, zonzoscom aquelesquilómetros todos, mal dissemos duas palavras; não estávamos - como tu costumás dizer - num momento de performance ou cheios de força, mas ele viu em nós uma vida nova. No diálogo que tivemos a seguir, verificámos que, por um lado, é dramático que eu queira que o meu irmão, um amigo meu, uma pessoa com quem me preocupo, possa encontrar o que eu encontrei, eu desejo que o outro possa encontrar Jesus; no entanto, por outro lado, é libertador reconhecer que não sou eu que faço acontecer, e que Ele se serve de mim; acontece através de mim, mas não sou eu, não é uma habilidade minha que o faz acontecer. Naqueles dias de estudo, isto foi realmente libertador para mim, mesmo nas relações que tinha à minha frente, isto é, fez-me recuperar a graça que recebi através desteencontro.

Relativamente ao desejo de comunicar aos outros o que tu encontraste, o que é que aprendeste com o que contaste? Como é que se comunica?

Se eu pensar em ...

Fica no que contaste, não acrescentes nada, porque ias errar!

Não é uma explicação, mas uma amizade, é uma vida em ato que comunica.

«Uma vida em ato». Comunica-se vivendo, comendo, bebendo, até tomando o pequeno-almoço meio adormecidos. A primeira coisa que vos surpreendeu é que aquele rapaz tenha ficado espantado com alguma coisa enquanto vocês estavamali como uns zombies; aténesse momento alguma coisa pode passar - porque Cristo não se importa com como nos sentimos -. A única questão é se estamos tão imersos na experiência que nos gera que a certa altura, quase a nosso despeito, a novidade se comunica. O que passa para os outros não é o nosso desempenho, mas uma diferença que, - como vemos e como nos diz o texto, atenção! -, é qualquer coisa diferente das nossas imagens, das nossas estratégias, mas ao mesmo tempo " total e originalmente correspondente às expectativas profundas da nossa pessoa" (p. 37). Mas precisamente porque é diferente de nossas imagens, porque se comunica de um modo totalmente outro, diverso, diferente, somos desafiados. O que é preciso para estar disponível para esta diversidade? A coisa mais simples: a sinceridade. Não é preciso uma qualquer performance ou quem sabe qual estratégia; basta simplesmente deixar-se impressionar pelo que acontece: "ter a sinceridade de reconhecer, a simplicidade de aceitar e aafeição de prender-se a uma talPresença, é isto a fé" (ibid.). É impressionante que o *don*Giussani descreva a fé falando de uma coisa tão simples: a sinceridade.

No sábado passado, um amigo da Fraternidade organizou uma festa pelo seu 50º aniversário, e convidou todos os amigos que ao longo dos anos foram estando com ele. No final, éramos realmente muitos, cerca de cento e cinquenta pessoas. Entre esses convidados, havia também um meu querido amigo, com quem eu praticamente cresci, mas que deixou o movimento há uns dez anos e, além disso, vive, por motivos de trabalho, noutra cidade. Os motivos do seu afastamento relacionavam-se principalmente com brigas e mal-entendidos entre amigos da comunidade, nunca sanados. Nas poucas vezes em que o vi, permanecia uma última distância que me parecia insanável. A festa não correu exatamente de acordo com o que eu esperava. Um pouco dececionado, logo naquela noite e na manhã seguinte, pensava naquele meu amigo que tinha vindo de longe de propósito: "O que terá visto durante e depois do jantar? Uma situação que não estava "à altura" da nossa experiência! ". Inesperadamente, dois dias depois, de manhã cedo, ele ligou-me. Queria exprimir a sua profunda gratidão por aquela noite; disse-me que, nos últimos anos, tinha procurado por todo o lado um âmbito ou amigos à altura do seu desejo de plenitude, mas nunca encontrou e só ao estar connosco naquela noite tinha embatido no impacto de uma diversidade evidente e plena, que transparecia em todos os gestos: à mesa connosco, cantando, na maneira como servimos os pratos, na maneira como olhámos para ele e o recebemos depois de tantos anos. Para no fim dizer: «Preciso de estar com vocês, gostaria de começar de novo, não quero voltar a perder certas relações. Não sei se nisto tudo Cristo está envolvido, mas acredito que

sim!". Fiquei petrificado! Naquela noite, naquela tentativa pensada e começada com as melhores intenções, mas que na minha opinião tinha acabado por se revelar um pouco desajeitada em muitos aspetos e que me tinha deixado um pouco amargo, para ele o Acontecimentotinha novamente sucedido! Na nossa tentativa, mais ou menos desajeitada, revelou-se para ele a graça e, à medida que ele mecontava, também para mim! Graça que usa tudo, até a nossa mísera tentativa, para acontecer. Precisamos apenas de olhos necessitados e dispostos a vê-lo.

A nossa tentativa desajeitada. No fundo, não sabemos fazer outra coisa a não ser tentativas desajeitadas, mas são precisamente o que o Mistério usa para comunicar uma diferença. Colocamos o melhor de nós numa boa festa, que talvez pareça malsucedida para nós, e alguém que poderia ter permanecido cético por ter ficado decepcionado no passado - não um novo que ainda não sabia nada, puro, límpido, mas alguém com a crosta do já visto, - pela ferida que tem, ele vê o que já não vemos. O filho pródigo vê o que o filho mais velho já não vê; a história repete-se! Ao ponto de dizer: " Não sei se nisto tudo Cristo está envolvido, mas acredito que sim!" Como podem ver, a fé, o reconhecimento de Cristo, brota da experiência, mesmo diante de uma tentativa desajeitada. Um facto como o que tu contaste não poderia acontecer, exceto em virtude de qualquer coisa de outro. Mas, às vezes, em vez dessa sinceridade (que qualquer um pode ter- mesmo quem se foi embora há anos - porque não é precisaqualquer predisposição específica), introduz-se no quotidiano algo estranho que nos impede de olhar as coisas com simplicidade.

Foi precisamente isso que me impressionou. Ao ler o texto da Escola de Comunidade, percebi que, quando fala da fé como um acontecimento que te implica, o donGiussani usa o termo "estranho" seis vezes numa página, indicando que nós introduzimos fatores estranhos que nada têm a ver com o acontecimento e que nos fazem perder o contacto com a realidade. Então disse para comigo: "Mas porque é que ele insiste tanto em repetir a mesma palavra numa página?"E, olhando a minha vida, reconheci que é verdade, a cada hora insiro fatores estranhos. E lembrei-me de vários exemplos: quando insiro fatores estranhos nas relações mais verdadeiras, estrago-as; quando de manhã penso no dia, se não parto daquilo que acontece e daquilo que me impressiona, complico a minha vida; quando conheço uma nova pessoa, se a reduzo ao que penso, perco-a logo. Então disse para comigo: "DonGiussani está certo, continuo a inserir fatores estranhos". Mas não é que esses fatores estranhos desapareçam magicamente porque eu o digo.

Não desaparecem pelo facto de nos darmos conta deles.

Exatamente. Também porque eu vejo-os todos. Então percebi que a minha questão séria é outra, não é analisar estes fatores; estou no movimento há alguns anos, mas isso não é suficiente para eu vencer os fatores estranhos de hoje.

Felizmente, porque isso te liberta, pelo menos, do teu moralismo.

É, pelo menos disso!

Infelizmente, muitos ainda têm a ilusão de conseguirpor força do seu desempenho.

Exatamente. Percebi que tenho uma ansiedade em relação ao desempenho, assim como às vezes não confio na autoridade, outras vezes acho que a minha ideia é melhor que outras; mas esse não é o problema.

Já somos dois a pensar o mesmo!

O problema é se eu decido fazer um trabalho sobre o que Ele introduziuna minha vida. Aqui reside a minha questão séria.

Que trabalho?

Levar a sério o que Ele introduziuna minha vida, que é mais forte do que os meus fatores estranhos, a minha incoerência e a minha incapacidade. Isso significa que há espaço para mim, ainda que seja um pecador, porque há sempre uma possibilidade para mim, mas eu tenho que fazer um trabalho no que ele introduz na minha vida.

Já alguém fez este trabalho? Alguém se surpreendeu ao ver Cristo vencer, apesar de ter introduzido fatores não relacionados com a experiência?

Numa Escola de Comunidade, uma amiga, mãe de um amigo nosso gravemente doente, interveio dizendo que, durante as férias, tinha morrido de repente o seu irmão. Poucos dias depois, também sem se esperar, tinham dado alta do hospital ao seu filho. E ela tinha-se encontrado a viver ambas as circunstâncias (uma dura, outra feliz) a vivê-las da mesma maneira, como um chamamento, e por isso dizia que sentia uma gratidão. Uma amiga perguntou-lhe: “Porque é que diante da morte do teu irmão não reclamaste com o Senhor?”. E ela respondeu: “Não podia reclamar, porque a experiência que estou a fazer nestes meses com o meu filho ensina-me que nada nos pertence, e que há um desígnio bom para todos. Não seria capaz de olhar para as coisas sem pensar nisto”. Eu tinha chegado à Escola de Comunidade com uma ferida aberta - um fator estranho -, cuja causa imputava a um facto para mim doloroso, e as suas palavras ofereciam-me a chave para a enfrentar, diferente do que eu pensava e ao mesmo tempo davam uma concretude desarmante às páginas da Escola de Comunidade (no ponto 7) que eu até tinha lido, mas que tinham permanecido de algum modo “mudas”.

Isto é fundamental do ponto de vista do método; caso contrário, complicamos as nossas vidas tentando perceber as palavras da EdC em abstrato, perdendo tempo às voltas com as nossas ideias, em vez de partir de um facto que facilita a compreensão do que lemos.

Com efeito, aquela intervenção iluminava-me em relação à insistência do donGius na posição “simples e sincera” diante do acontecimento, na qual não interfere nada “de estranho na relação com a realidade” (p.38) e que nos permite olhar as coisas com simplicidade. Ouvir aquela amiga iluminou-me porque, muitas vezes, diante de um facto que acontece, sobretudo se é um facto com o qual eu entro de algum modo em conflito, ou se é uma coisa dura, eu penso que o problema é o facto. E fico zangada com o facto!

Pelo contrário, o que ela dizia fazia-me cair na conta de que o problema não era o facto – no seu caso, a morte do irmão, por isso, uma coisa importante - mas aquilo que o facto revelava sobre a minha posição. E cito donGius: “A posição em que nos encontramos diante do acontecimento de Cristo é idêntica à de Zaqueu (...) ou da viúva”. (p. 37). É diante do facto que acontece que eu me apercebo da posição que tenho. E onde é que se apoia a minha posição? Na experiência de um amor. Diz donGius: “Para poder conhecer é de facto necessária uma posição de abertura, ou seja, de “amor”. Sem amor não se conhece”. (p. 39). Enquanto ela falava, pensei em mim e dizia-me: “Mas eu, onde é que eu vou buscar a posição diante daquilo que não compreendo, daquilo que me causa dor, daquilo que me magoa?”

Cada um deve perguntar-se onde é que a vai buscar. Porque com esta pergunta entras em diálogo com todos.

A minha posição apoia-se – ou não – numa experiência de amor que vem antes, portanto, num juízo. E aqui percebi: há em mim uma posição prévia que repousa, ou não, na experiência que faço, no juízo daquele Amor, daquele Bem que tomou a minha vida; e quando eu não O considero, logo a irritação, a recriminação, o ressentimento, perturbam-me a visão e impedem-me de ser, literalmente. Redescobrir que a consistência da minha vida se baseia num juízo que se joga em cada dobra da vida, abriu-me um horizonte que eu não podia imaginar. Aquela intervenção, para mim, foi fundamental. Antes de mais, libertou-me daquilo que me feria há muito tempo, porque pude imediatamente olhá-lo de frente e ajuizá-lo, e depois permitiu-me começar a olhar os factos que vêm ao meu encontro, seja de que natureza forem, não como coisas a resolver, mas como aliados, porque me fazem o “favor” de revelar-me a posição que de facto tomei em relação ao Amor que investiu a minha vida.

Isto é crucial: o problema não é o que acontece, mas a nossa posição relativamente ao que acontece, porque se não estamos na atitude justa, não percebemos, diz a Escola de Comunidade. “Em última análise, só aquela abertura viva ao objeto que se torna afeição é que faz com que ele nos toque por

aquilo que é (*affici*, ser-tocado-por).” Porque é que isto é crucial? Porque “o olhar da razão vê [...]na medida em que é sustentado pela afeição, que já exprime o jogo da liberdade.”(p.39) É impressionante: nós só podemos olhar a realidade verdadeiramente, quando estamos agarrados assim por uma afeição que nos escancara o olhar, de forma que não vemos só pelo buraco da fechadura.

E se não conseguimos abrir os olhos para ver a realidade, então para procurar sair de uma situação que nos feretornamos o cristianismo num titanismo. Seria suficiente alargar o olhar, e tudo se tornaria diferente, porque viria à tona a natureza do cristianismo. “A Fé é parte do acontecimento cristão, porque é parte da graça que o acontecimento representa” (p.40). Sem o acontecimento, eu não poderia ter este olhar alargado a toda a realidade. Temos experiência disto. Quando uma pessoa se apaixona, a presença da pessoa amada escancara o olhar a tudo. Do mesmo modo, a vossa presença de pais escancara o olhar da criança, e tudo se torna diferente. Este é o valor do facto que acontece: o acontecimento, diz Giussani, “exalta [...] a capacidade cognoscitiva da consciência e adequa a agudeza do olhar humano à realidade excecional que o provoca”, impedindo ao homem a redução a uma sua medida. É assim que Cristo vence em nós. “É o que se chama a *graça da fé*” (*Educar é um risco*), *DIEL, Lisboa, 2006, p.130*). Ter esta abertura é uma graça; a fé faz que eu possa ver.É simplicíssimo: o irmão ateu vê qualquer coisa diferente durante um pequeno-almoço; o amigo que se foi embora há anos vê a diferença de uma festa e reconhece que essa diferença tem a ver com Cristo. Não é preciso uma qualquer capacidade especial, é preciso apenas aquela simplicidade de aderir - é este o trabalho a fazer - àquilo que acontece, sem o substituir com estratégias, expressão do nosso moralismo. Trata-se simplesmente de pedir, porque a fé alcança assim um cume para além da razão. “Afé”, lemos na EdC, “floresce no limite extremo da dinâmica racional, como uma flor de graça, à qual o homem adere com a sua liberdade”(p.41). Todas estas frases seriam para nós escritas em chinês, passaríamos sobre elassem perceberminimamente o seu significado, se não partíssemos da experiência. E então, como é que floresce esta flor de graça que é a fé?

Impressionou-me logo o ponto da Escola de Comunidade sobre o pedido: “O pedido surge assim diante de uma Presença, caso contrário não é um pedido razoável.”(p.43). Lembrei-me de uma coisa que me aconteceu pouco antes do Natal com um amigo. Conheci-o na universidade, é um colega de curso, estudávamos juntos para os exames, muitas vezes na sala dos representantes dos alunos. Ele reparou que a sala estava cheia de manifestos, frases cristãs aqui e ali, e a certa altura perguntou-me o que era aquilo. Tornámo-nos muito amigos e uma vez convidéi-o para os Exercícios do CLU. Ele foi, apresentei-lhe os meus amigos e ficou muito admirado. Quando acabou a universidade, meteram-se várias coisas e estivemos um tempo em que quase não contactávamos. Pouco antes do Natal começou a bombardear-me com mensagens a pedir para nos vermos. Escreveu-me: “Tenho de te contar uma coisa impressionante, não falei do assunto com ninguém, estava à espera de poder conversar contigo”. E contou-me que uma rapariga que ele conhece bem tentou suicidar-se. E a conversa foi parar à pergunta: então, o que é que resiste? Falámos um bocado, até que ele me diz: “Olha, eu só sei que assim que soube disto me lembrei de ti e da companhia do movimento, gostava que ela vos conhecesse”. O que é que quer dizer que o pedido só pode surgir diante de uma Presença, caso contrário é irrazoável? Significa que, por aquilo que ele viu e viveu comigo e com os meus amigos, aquela pergunta sobre o sentido do que tinha acontecido, e sobre o que resiste quando as circunstâncias apertam, só a podia fazer a mim; esperou para ma fazer a mim, não a mim porque eu sou capaz, mas por aquela Presença que ele viu em mim e nos do movimento, Presença que ele evidentemente percebe que tem que ver com a necessidade que tem. A segunda coisa que me impressionou é que me fez pensar no que me salva hoje. Porque quando ele me disse: “Pensei em ti e na companhia do movimento”, o meu instinto foi responder-lhe: “Olha que, na realidade, não sou eu nem sequer a companhia do movimento que podemos salvá-la”.Apercebi-me de um juízo que em mim é cada vez mais certo, e que é que aquilo

que torna excepcional a companhia, eu, as relações e todas as circunstâncias, não são as coisas em si, mas a possibilidade de poder dizer Tu dentro de todas estas coisas. Sem este Tu, até o movimento seria no fundo um enorme bluff: algo que faz sentir todo o seu calor humano, mas que, no fundo, não traz nenhuma novidade e seguramente não salva. É mesmo preciso chegar a dizer aquele Tu, caso contrário percebo que tudo perde consistência, e as coisas, os encontros, passam sem deixar rasto. Isto para mim é a memória: que eu posso hoje, no encontro com as pessoas e nas coisas que me acontecem, reconhecer aquele Tu, nascido há 2000 anos, mas vivo ainda hoje.

A dinâmica racional acaba, não pode deixar de acabar, como disseste, se uma pessoa é leal com o impacto que provoca, no “Tu”. É mesmo preciso chegar a dizer aquele Tu, caso contrário percebo que tudo perde consistência, e as coisas, os encontros, passam sem deixar rasto”. É como se um filho pequeno, vendo todas as coisas que aquela mulher faz por ele, nunca dissesse: “mãe”. Diz mãe porque liga cada coisa que lhe acontece, tudo aquilo que aquela mulher faz, à sua presença. Porque as coisas que a mãe faz passam, mas aquilo que permanece é a sua presença, à qual o filho se liga cada vez mais. Se tudo aquilo que acontece não é para que aumente esta familiaridade com aquele Tu, se não chegamos até ali, não fica rasto de nada, desaparece tudo. É preciso dar-se conta disto.

Na escola, a nossa diretora, que é do movimento, está a tentar que nós façamos um percurso sobre as três premissas de «O sentido religioso». Tivemos uma reunião de professores sobre a primeira das três premissas. Eu estava cheia de vergonha. Depois, a diretora chegou começou a fazer-nos perguntas, com umabela cara, de repente, grata, cheia de gratidão por ter encontrado Cristo na sua vida. Quando a vi assim, o coração começou-me a bater a mil, como quando tenho alguma coisa para dizer e se não a disser sou uma parva. Logo a seguir, de facto, contei uma coisa que me tinha acontecido no dia anterior na aula, da qual nasceu depois toda uma discussão com os meus colegas. Foi uma discussão normal, mas em que eu finalmente estava, e era eu própria. Aquilo que me espantou foi a liberdade imprevista que encontrei em mim, tanto que pude contar o que me tinha acontecido na aula, depois de ter passado toda a manhã a esconder-me, e isto só porque a vi a ela assim. O seu rosto mudado mudou o meu, a sua tomada de consciência da sua história ajudou-me a mim a tomar consciência da minha. A coisa que mais me impressionou em tudo isto foi que, nas horas seguintes, eu apaguei este facto, como faço quase sempre, fiz mesmo um “bypass”. Depois, à noite, uma amiga enviou-me um mail para me falar de um trabalho que ela está a fazer na aula. Um mail que só li passadas algumas horas, porque tinha outras coisas para fazer e também porque achava que não tinha nada a ver comigo. Escreveu-me uma mensagem a insistir: “lê!”, e então eu lá li. Era sobre o Hobbit de Tolkien. E contava duas posições do BilboBaggins, uma diante da realidade e outra diante dos seus pensamentos. E quando o li, respondi logo: “Foi exatamente aquilo que me aconteceu hoje!” e contei-lhe, e ao contar tomei consciência do que me tinha acontecido. E o que mais me espantou foi isto: não só Tu, Jesus, aconteces enquanto eu sou mesquinha e me escondo: mas fazes-me também a graça de me dar conta que acontecestes porque eu geralmente faço-Te um “bypass”...

Esta é a graça. Esta é a graça que Ele faz acontecer, de outra forma, nós passamos à frente sem sequer nos darmos conta. Mas o encontro, como o que a nossa amiga descreveu, é o início de um caminho. Alguém intercetou em si este início de um caminho?

No dia da venda da revista Passos (para o mês missionário), fizemos turnos de venda da revista na faculdade. Acabado o meu turno, fui para as aulas, e pousei uma Passos no banco porque, com a pressa, tinha tudo nas mãos. Inesperadamente, o rapaz que estava sentado ao meu lado, curioso com o título, perguntou-me se podia dar uma vista de olhos. Pensei: “Não conhece o CL, ok; depois, quando se aperceber que é uma revista cristã, vai deitá-la fora, de certeza!”. Passados alguns dias voltei a vê-lo e ele, pelo contrário, pediu-me para falar comigo. Contou-me o seu percurso de fé (veio de África, era protestante, depois cético, e por fim reconheceu, graças a alguns acontecimentos, que Deus age na sua vida) e fez-me perguntas difíceis, que lhe surgiram lendo o

texto da Jornada de início de ano (que estavara Passos que estávamos a vender), da qual me fez um resumo preciso (enquanto eu não me lembrava sequer do que falava), contente por ter alguém com quem falar daquilo, com quem caminhar em conjunto. Eu estava comovida porque a minha tentativa tinha sido igual a zero (eunão lhe queria vender a Passos), e este encontro tinha sido pura graça. O diálogo continuou nestes meses. A sua sinceridade e simplicidade na forma de fazer as perguntas desarmam-me. Por isso, quis apresentar-lhe algumas pessoas da comunidade, e assim, na semana passada, almocei com ele e com um amigo meu. Também este almoço foi comovente, pela simplicidade com que ele fazia perguntas e estava disponível para ouvir a minha experiência e a do meu amigo. Impressionou-me porque, a certa altura, perguntou-nos “Como é que vocês fazem para ter fé? Porque é que são cristãos?”. Então, falámos-lhe da nossa experiência e do encontro que nos aconteceu.

Este facto impressiona-me porque me fez perceber, em primeiro lugar, que a primeira coisa que tem de acontecer é uma graça: que este acontecimento não sou eu que o produzo, é um Outro que surge e se mostra, também através de mim. Mas isto não basta, porque é de facto verdade que, sem a liberdade que adere a esta presença excepcional, não existe fé. No dia anterior, com efeito, aquele meu amigo da comunidade contou-nos que tinha um encontro ao almoço com outro rapaz, por causa de um lugar no apartamento. Mas assim que percebeu que fazíamos parte de um movimento religioso, aquele rapaz levantou-se e foi-se embora, deixando o meu amigo com a sanduiche na mão. Por isso, é mesmo preciso um reconhecimento amoroso e a simplicidade de aderir a uma coisa excepcional que acontece. As perguntas que surgiram a este meu colega de curso lendo a Jornada de início de ano, na relação comigo, no almoço com este meu amigo, são o início de um caminho, para ele, mas também para mim. Ao almoço disse-nos que quer tornar-se cristão, que está a fazer um percurso para chegar ao Batismo, não já, mas com o seu tempo, porque tem muitas coisas para perceber; era uma postura de pedido verdadeiro, de procura, a certa altura, perguntou-nos até se acreditávamos mesmo, por exemplo, que Jesus tinha caminhado sobre as águas... Mas todas estas perguntas faziam-no olhar com simplicidade para aquilo que tinha à sua frente (nós, a Jornada de início de ano, alguns testemunhos contados na Passos), procurando, em cada coisa, dar um passo no caminho da fé.

Os dois exemplos que estão dentro desta história que contaste fazem-nos perceber como a liberdade está sempre em jogo, mesmo no momento mais belo e fantástico em que aquele rapaz africano é arrastado, quando parece que a liberdade não está envolvida (como às vezes pensamos). E a reacção do outro rapaz, que mal percebe que o teu amigo tem a ver com um movimento religioso, se levanta e vai embora, implica a sua liberdade

Para quem se deixa tocar, abre-se um caminho. O encontro presente despertou no jovem africano o desejo, como ouvimos, de se tornar cristão, fê-lo começar um percurso para chegar ao Batismo, não logo, mas no seu tempo, porque tem muitas coisas para perceber. O que é que tem de perceber? O que é que ele quer perceber? É uma urgência justíssima, querendodar um passo tão significativo como o Batismo. Este é o valor do último ponto da Escola de Comunidade: (“Um facto no presente, um facto no passado”) uma pessoa não pode fazer um encontro sem tentar perceber as origens desse encontro. Onde afunda as raízes um encontro presente? Aquele jovem tem deo descobrir, por isso é que ele se interessa sobre Jesus. Mas o que é que Jesus tem a ver com ter-te encontrado na universidade? Por isso, se em nós não acontece a passagem de um facto no presente a um facto no passado, voltará, ciclicamente, a fatídica pergunta (e não nos que acabaram de chegar, mas em nós que estamos aqui): depois de ter visto esta novidade na vida e todas as coisas clamorosas que nos contamos, porque é que no fim temos que dizer: “Jesus”? A questão de sempre! Dito de outra maneira: o que é que aquilo que eu estou a viver no presente tem a ver com Jesus, personagem de há dois mil anos? Porque é que aquele rapaz tem a exigência de se batizar? Como veem, a passagem do último ponto do primeiro capítulo da Escola de Comunidade é crucial, e se não nos damos conta disso vamos continuar a colocar esta pergunta. O encontro é o início de um caminho que nos faz voltar à origem. Como Policarpo, que quando encontrou João se perguntou de onde

nasciaaquela diversidade e não pôde deixar de chegar ao encontro de João com Jesus. Giussani diz que isto vale também para nós agora, e para aquele rapaz: também ele tenta perceber. São duas as direções que descrevem a dinâmica do acontecimento cristão e nós temos que seguir as duas se queremos perceber: um acontecimento do passado que se repropõe no presente com toda a sua excecionalidade (estaé a natureza do acontecimento cristão que não permaneceu no passado de há dois mil anos, como dizia uma das intervenções); um acontecimento presente não se pode explicar adequadamente senão através de um acontecimento do passado, do qual é expressão agora. Com esta chave de compreensão podemos dar-nos conta porque é que aquele rapaz, para chegar ao Batismo com plena consciência, deve começar a perceber que o significado da vida está dentro de um acontecimento presente, que tem toda uma história por trás, que tem o seu ponto de origem naquele Jesus que nasceu da Virgem, de quem celebrámos onascimento no Natal, que morreu, ressuscitou e continua presente no meio de nós. E assim não será abstruso e abstrato pedir o Batismo, pela descoberta de que a correspondência excecional que está a experimentar só é possível porque o Verbo se fez carne. Depois, terá o tempo da sua vida, como nós, para perceber o que é descrito de forma belíssima e sintética da frase de Laurentius, o Eremita, com que acaba o capítulo. «Foi-me dito: tudo deve ser acolhido sem palavras e guardado no silêncio; então compreendi que talvez toda a minha vida seria passada a dar-me conta daquilo que me tinha acontecido. E a tua recordação enche-me de silêncio».

A próxima Escola de Comunidade terá lugar na quarta-feira, 26 de fevereiro, às 21h (ITÁLIA). Neste mês, vamos começar o segundo capítulo de “Gerar Rasto...”. Faremos o primeiro ponto, intitulado 1. O ACONTECIMENTO PERMANECE NA HISTÓRIA ATRAVÉS DA COMPANHIA DOS CRENTES”. Tentemos não virar a página e apagar aquilo que dissemos até agora, como se fosse uma história que não tem a ver com a origem, porque o ponto é precisamente como aquela origem, aquele acontecimento inicial permanece na história. E, assim, poderemos perceber porque é que, quando o vemos acontecer no presente, dizemos “Jesus”. Vamos trabalhar também o segundo ponto, com o título: 2. A LEI GENERATIVA E DINÂMICA DA “COMPANHIA”: A ELEIÇÃO.

Banco Farmacêutico. Este ano, por ocasião dos 20 anos do Banco Farmacêutico, a Jornada de recolha do medicamento durará uma semana inteira, de 4 a 10 de fevereiro (o dia principal vai ser sábado, 8 de fevereiro.) A necessidade de estender a recolha a uma semana deve-se à necessidade de responder ao contínuo crescimento da pobreza sanitária de famílias e pessoas que vivem em condições de indigência. Para que a iniciativa se possa desenvolver são precisos voluntários, especialmente para sábado 8 de fevereiro. Podem dar a vossa disponibilidade, contactando o Banco Farmacêutico. Encontram todas as referências no seu site.

Neste período, na Itália e no estrangeiro, são celebradas as missas para lembrar o XXXVIII aniversário do reconhecimento da Fraternidade e o XV aniversário da morte de donGiussani. É um gesto de agradecimento, como ouvimos em várias intervenções, porque teria sido impossível para nós dar-mo-nos contado que é a fé sem a graça dada a donGiussani. Por isso parece-me que temos muito para agradecer. É um dom precioso que recebemos. As circunstâncias que vivemos, tantas vezes dramáticas, fazem-nos perceber cada vez mais o valor desta graça.

Veni Sancte Spiritus.

Boa noite a todos.